

# Títulos latinos têm nova queda

**Nova Iorque** — O preço da dívida latino-americana sofreu nova queda no mercado secundário de títulos, durante a primeira quinzena de março, informou a empresa especializada Shearson Lehman Hutton, mencionando o caso dos débitos da Venezuela, os mais desvalorizados, num evidente reflexo da onda de violência que se abateu sobre o país, durante protesto contra um programa de austeridade acertado com o Fundo Monetário Internacional.

A melhor cotação ficou com os débitos do Chile. O Peru, entretanto, continua tendo, do ponto de vista dos banqueiros, os "créditos" mais desvalorizados. O mercado secundário, embora negocie volume relativamente pequeno se comparado ao montante do endividamento do Terceiro Mundo, serve também como um reflexo do grau da confiança que as nações industrializadas têm nas economias devedoras e da expectativa de pagamento dos compromissos.

O quadro da Shearson Lehman Hutton, que inclui ainda as Filipinas, Polônia e Iugoslávia, mostra que a dívida externa está valendo 31,2% de seu valor nominal. A dívida peruana hoje só vale 5% de seu valor de face. No mercado secundário, os bancos podem vender uma parte da dívida dos países em desenvolvimentos e sua cotação passou a significar uma espécie de barômetro do preço real dos títulos.

A iniciativa do secretário de Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, baseia-se justamente no desconto de uma parte da dívida, de modo que o índice do mercado secundário pode eventualmente se consolidar como um guia.

A dívida externa venezuelana caiu de 35 a 36 centavos por dólar, em fevereiro, para 28 e 30 neste mês. Em janeiro, estava entre 38 e 39% do valor nominal.

A dívida do Brasil também caiu entre fevereiro e março, passando de 31 a 33 centavos por cada dólar para 27 a 28. Os débitos argentinos, no período, bairaxam de 18 a 19 para 17 a 18. O país tem compromissos atrasados há quase um ano. O Chile, que teve relativo êxito com a política de conversão da dívida, também apresentou perda de valor no mercado secundário. De fevereiro a março, os títulos caíram de 59 e 51 para algo entre 58 e 60.

Outros países, segundo a empresa especializada: Colômbia — de 58-60 para 53-56; Equador — 11-13 para 12-13; México — de 36-37 para 25-36. O Peru continuou com os títulos mais desprestigiados, entre 5 e 8% de seu valor nominal.